Dia 24 — São João da Cruz

Martirológio Romano

São João da Cruz, confessor: de cujo ditoso trânsito se faz comemoração no dia 14 de dezembro. (Veja-se sua vida entre as de hoje.)

O martírio de São Crisógono, mártir, no mesmo dia; o qual, depois de ter sofrido constantemente pela confissão de Jesus Cristo um longo cárcere entre cadeias, por mandado de Diocleciano foi conduzido a Aquileia, onde, degolado e arrojado ao mar, alcançou a palma do martírio. (Veja-se sua vida entre as de hoje.)

São Crescenciano, mártir, em Roma; do qual se faz menção nas atas do martírio de São Marcelo papa (juntamente com o qual teve a glória de padecer pelos anos de 309).

Santa Firmina, virgem e mártir, em Amélia, no ducado de Espoleto; a qual, na perseguição de Diocleciano, padeceu vários tormentos e, por último, pendurada e abrasada com archotes ardentes, entregou seu espírito ao Criador. (Era filha de Calfúrnio, prefeito da cidade de Roma, e abraçou a religião cristã à vista dos milagres que operavam os santos Confessores.)

Santo Alexandre, mártir, em Corinto; o qual, no tempo de Juliano Apóstata e do presidente Salústio, pelejou em defesa da fé católica até morrer.

As santas virgens e mártires Flora e Maria, em Córdoba, as quais, na perseguição dos árabes, depois de um longo cárcere, foram degoladas. (Veja-se sua história entre as de hoje.)

São Felicíssimo, mártir, em Perúgia. (Procópio o chama príncipe dos etruscos da mesma cidade.)

São Protásio, bispo, em Milão: defendeu a causa de Santo Atanásio em presença do imperador Constante e no concílio Sardicense; e, tendo padecido muitos trabalhos pela igreja que teve a seu cargo e pela Religião, morreu no Senhor. (Sua sabedoria e sua virtude o fizeram estimar até dos mesmos hereges, que por outra parte o temiam como adversário formidável. No concílio de Sárdica, celebrado em 347 por instância do imperador Constâncio, além de defender a causa de Santo Atanásio, propôs diferentes cânones, os quais indignaram de tal modo os hereges que se separaram do concílio. Morreu no ano 348.)

São Romão (ou Romano), presbítero, em Blaye, cuja santidade de vida declaram gloriosamente seus milagres. (São Gregório de Tours, no livro *Gloria Conf.*, cap. 46, refere que viveu na mesma cidade de Tours no tempo de Teodorico o Grande e que deu sepultura ao corpo de São Martinho,

seu mestre.)

São Porciano, abade, no país de Auvérnia, esclarecido por seus milagres no tempo do rei Teodorico. (Passou os primeiros anos de sua vida na escravidão e, quando obteve sua liberdade, tomou o hábito religioso num dos mosteiros da Auvérnia, do qual foi por último abade. Quando Teodorico, rei de Austrásia, invadiu a Auvérnia, o Santo obteve do Rei a liberdade de todos os prisioneiros. Morreu venerado no ano 540.)

São João da Cruz

São João da Cruz, conhecido primeiro pelo sobrenome de Yepes, que era o de sua família, depois pelo de São Matias, que era o de sua Religião, e por fim pelo da Cruz, que faz seu verdadeiro caráter e com o qual se o distingue, foi um dos mais sublimes mestres da vida espiritual e dos mais insignes ornamentos da famosa reforma da Ordem do Carmo; nasceu no ano 1542 em Fontiveros, vila muito antiga de Castela a Velha, entre Ávila e Salamanca. Chamavam-se seus pais Gonzalo de Yepes e Catalina Álvarez. Ainda que seu pai era cavaleiro, chegou a ver-se tão pobre que se viu obrigado a exercer o ofício de tecelão para poder manter sua família, que era muito numerosa, sendo João o menor de três filhos varões. Todos três eram muito meninos quando morreu o pai; a mãe ficou só e sem mais amparo que o de Deus, por cuja conta correm os mais esquecidos do mundo. A necessidade a obrigou a estabelecer-se primeiro em Arévalo e logo em Medina del Campo, vila muito crescida então e rica, na qual com o suor de seu rosto criou a honesta viúva seus três pequeninos, inspirando-lhes temor de Deus e amor à virtude. Desde logo o menino João mostrou grande inclinação a tudo o que era bom e honesto. Nas flores de sua modéstia e de sua humildade traslucia-se o fruto que havia de produzir adiante. Desejava a boa mãe encaminhá-lo pelas letras, mas, vendo-se atalhada pela pobreza, não achou outro meio senão acomodá-lo num colégio de meninos que havia naquele povo, destinado a educar filhos de gente pobre. Desta casa saiu João doutrinado nas primeiras letras, deixando bem recompensada com seu exemplo a esmola que ali se lhe fez. Não lhe ficavam já mais valedores que sua virtude; era pobrezinho e desamparado; mas suas belas prendas, sua gravidade e seu natural afável e dócil lhe conquistavam o amor de todos. Contava então uns treze anos. Afeiçoou-se-lhe, entre outros, Alonso Álvarez de Toledo, cavaleiro piedoso que administrava o hospital geral da vila. Pareceu-lhe que ali poderia João servir aos pobres e passar adiante em seus estudos e depois, com uma capelania que ele pensava dar-lhe, ordenar-se de sacerdote. Com licença de sua mãe passou ao hospital; e a ocasião de servir aos enfermos foi para ele estímulo de misericórdia: assistia-os pontualmente com gozo; em cada um deles via retratado a Cristo. Com todas as suas entranhas se compadecia do doente prostrado numa cama, cujo único alívio e consolo todo depende do que cuida dele: abraçava-os, alentava-os, fazia-lhes companhia; em vendo alguém caído e triste, animava-o inspirando-lhe a santa alegria que sai das entranhas da paciência. Com suma pontualidade, tirando-o do sono, assistia às necessidades de todos, sem dar lugar a que seu esquecimento ou descuido desgostasse a ninguém: não queria que os enfermos empregassem a conformidade senão em levar com méritos as dores e achaques de sua doença. Dedicava-se ao mesmo tempo ao estudo das ciências humanas, em que saiu aproveitado; sentia-se também chamado à oração e contemplação, em cuja escola aprendeu do Senhor a sabedoria que

demonstra a fealdade do vício e a formosura da virtude e inspira ânimo celestial para desprezar o que perece e amar o que permanece. Destes afetos nasceu nele e se foi criando a mortificação das paixões. Desde este tempo começou a castigar sua carne com jejuns, cilícios e outras asperezas: juntava a noite com o dia fazendo oração, lutava com a fraqueza de seu corpo cansado até rendê-lo e deixá-lo desperto e alentado para perseverar nas vigílias. Dormia muito pouco tempo, e isto sobre feixes de sarmentos, que mais era quebrantar os ossos que descansar; desde os sete anos não tinha mais cama que esta. Premiava Deus em seu servo a penitência com o dom da continência. Em todo o terço desta idade escorregadia não se viu nele coisa que cheirasse a leviandade, nem em palavra, nem em aceno algum. Guardava-se das companhias que envenenam os costumes, não saía de casa senão por necessidade, fugia de jogos e de espetáculos e de outras diversões privadas e públicas, buscava o recreio de seu ânimo na bondade de Deus e no testemunho de sua limpa consciência. Em meio desta inocência de vida ouvia a voz de Deus, que por vários caminhos o chamava a deixar o mundo e abraçar o estado religioso. A particular devoção que tinha à santíssima Virgem o fez crer que na Ordem dos Carmelitas acharia um asilo onde assegurar sua inocência; e, tratando estes desejos com pessoas de doutrina e piedade, por seu conselho e com sua recomendação foi apresentar-se ao convento de Santa Ana de Medina del Campo, onde foi recebido como um dom do céu e tomou o hábito de Nossa Senhora do Carmo com o nome de Fr. João de São Matias aos vinte e um anos de sua idade.

Talvez nunca se viu maior fervor, humildade e exatidão num noviço nem também amor mais abrasado às cruzes nos mais anciãos.

No ano seguinte fez sua profissão nas mãos de Fr. Ângelo de Salazar, provincial de Castela. Não se fartava de dar graças a Deus vendo-se escolhido do Senhor para morar em sua casa: este gozo ia acompanhado de uma ânsia muito grande de adiantar cada dia mais, guardando com pontualidade não a regra mitigada por Eugênio IV, mas a primitiva, a que se determinou com licença de seu prelado sem faltar no exterior à ordem da comunidade. Pediu por cela uma cova escura e abandonada na extremidade do dormitório, destinada a guardar as vassouras, na qual se viu precisado a fazer um pequeno buraco para dar-lhe luz e poder ler. Um madeiro escavado em forma de sepulcro lhe servia de cama; fez um cilício de juncos marinhos, cujas agudas pontas lhe tiravam sangue ao menor movimento que fazia seu corpo; juntava a tudo isto disciplinas muito frequentes de sangue; e, como por outra parte eram muito repetidos seus jejuns e muito curto seu sono, tirava a seu corpo os meios de reparar as forças que suas maceracões lhe faziam perder.

Sua piedade correspondia a suas penitências; a paixão que tinha ao retiro e ao silêncio lhe fazia cercear da sociedade e conversação dos homens tudo o que podia tirar-lhes, para dá-lo ao comércio interior e aprazível que mantinha com Deus no exercício da oração, a qual desde os primeiros anos da Religião não era outra coisa que uma muito sublime contemplação. Jamais teve os defeitos inocentes daqueles místicos e contemplativos que fazem consistir a contemplação em mostrar-se austeros e estranhos com todos. Sua devoção nunca foi austera senão consigo mesmo. Era afável e cortês em seu trato e comunicação: jamais se o viu abstraído, taciturno ou agreste com seus irmãos. A humildade parecia natural nele; só apreciava as virtudes que admirava nos outros; e, ainda que as possuía num grau heroico, cria sinceramente que não era homem de virtude; via-se-o sempre o primeiro em todos os exercícios da comunidade. O dom de contemplação de que se achava dotado não o fez jamais ocioso. Teria querido fazer ele só todos os

ofícios da casa; entre estes os mais penosos e mais baixos eram os mais de seu gosto, e, contanto que encontrasse alguma humilhação ou alguma cruz, ficava satisfeita sua ambição.

No mesmo ano de sua profissão o enviaram ao colégio de Salamanca para que naquela escola aprendesse a teologia. Em meio do estudo acrescentava novos rigores a sua penitência, buscava mil modos extraordinários de afligir seu corpo, sutilizava-o com tantas asperezas que parece queria convertê-lo em espírito: a oração era sua vida e seu sustento: cumpria com rigor de verdade aquela principal obrigação da regra de orar dia e noite, meditando na lei do Senhor quanto é dado à fraqueza humana. Preparava-se em tudo para mestre e caudilho da nova reforma que o estava esperando.

Uma virtude tão sobressalente obrigou os superiores a fazê-lo receber quanto antes as sagradas ordens; e, sem dar ouvidos aos artifícios de que se serviu sua humildade, tanto foi acabar a carreira de teologia aos vinte e cinco anos de sua idade como obrigá-lo por obediência a receber o presbiterado. Vivia ainda sua mãe. A graça que recebeu uma alma tão pura foi abundante e sensível; e o novo sacerdote se preparou para a primeira missa com contínuos sacrifícios de si mesmo, aumentando as mortificações e fervores.

Os favores que recebeu na primeira missa, que disse no convento de Medina del Campo, e a alta ideia que concebeu do sacerdócio lhe fizeram desejar uma vida todavia mais retirada e mais regular que a que se praticava na Ordem dos Carmelitas mitigados que se chamam da Observância.

Depois de ter consultado muito este negócio com Deus e com alguns religiosos de quem fiava a direção de sua alma, resolveu passar aos Cartuxos, onde se prometia achar uma solidão como a que buscava e um gênero de vida mais austero que o que tinha. Chegou a ter quase concertado que se lhe desse o hábito na Cartuxa de El Paular, de Segóvia; mas desbaratou Nosso Senhor seu projeto, melhorando-o em sua primeira vocação, para que ajudasse a reformar o instituto que havia professado.

Neste tempo Santa Teresa de Jesus tinha já começada esta obra a respeito das monjas: fundado estava já em Ávila seu primeiro convento; mas desejava que se reformassem também os frades. Alcançada licença para isso do Geral da Ordem, começou a buscar entre os religiosos da província graves e de singular virtude um a quem pudesse encomendar esta grande obra, pondo-o por pedra fundamental do novo edifício. Quando Fr. João estava tomando suas medidas para entrar na Cartuxa, chegou Santa Teresa a Medina del Campo. Na visita que o mestre Fr. Pedro de Orozco fez à Santa, como esta lhe perguntasse pelos frades que aspiravam a maior perfeição na Ordem, disse-lhe que havia um religioso de poucos anos, mas de muita virtude, fervoroso e de grande espírito, muito dado à oração e contemplação e na aspereza e rigor da vida igual ao menos aos antigos monges. Tais coisas, enfim, lhe foi contando de Fr. João da Cruz [de São Matias], que a serva de Deus, cheia de gozo, desejosa de vê-lo, rogou-lhe que quanto antes lho enviasse. Desde logo se lhe fixou a ideia de que este era o religioso que convinha para começar a Reforma. Aquela noite rogou a Nosso Senhor que lho concedesse para isto e o conseguiu. No outro dia foi o servo de Deus visitar Santa Teresa e lhe deu conta de seus desejos de servir a Deus fazendo-se cartuxo. Desta confiança de nosso Santo se aproveitou a discreta Virgem para persuadi-lo de que, sem sair

de sua vocação, procurasse melhorar e reformar sua vida no estado em que Deus o havia posto. E comunicou-lhe o projeto da Reforma, segundo a qual os frades do Carmo haviam de guardar exatamente sua primeira regra. Ao mesmo tempo lhe encareceu o bem que por seu meio podia fazer Nosso Senhor, plantando a disciplina regular para que fosse seguida de outros e também o gozo que nisso daria à Mãe de Deus, de quem é esta Ordem. Enterneceu-se o servo de Deus, deu-se por vencido a estas razões, sentiu-se interiormente trocado e, sem saber resistir ao que a Santa lhe propôs, ofereceu-se a isso, rogando-lhe que não se diferisse a execução.

Enquanto o Santo se preparava para tão alta empresa com a interior reforma de seu espírito, Santa Teresa, que temia que se estorvasse a execução deste grande projeto, aceitou uma miserável casa que para este fim lhe havia dado D. Rafael Mejía Velázquez num lugarejo seu chamado Duruelo. Dispôs a Santa que fundassem este convento nosso Santo e Fr. Antônio de Jesus, religioso de grande perfeição. Enquanto se lograva para isso a licença dos prelados e a do bispo de Ávila, de cuja diocese era aquele território, foram os dois servos de Deus a Valladolid, onde o P. Fr. João tomou o hábito da Reforma. «Ali — diz Santa Teresa — como estivemos alguns dias com oficiais para recolher a casa e sem clausura, houve lugar de informar o P. Fr. João de toda a nossa maneira de proceder, para que levasse bem entendidas as coisas, assim de mortificação como do estilo de irmandade e recreação que temos juntas, que tudo é com tanta moderação que só serve para entender ali as faltas das irmãs e tomar um pouco de alívio para levar o rigor da regra.» Donde se vê como nosso Santo foi discípulo, ou digamos noviço, de Santa Teresa, recebendo dela a instituição da vida segundo a qual havia de formar todos os religiosos de que foi pai, exemplar e mestre.

Obtidas as licenças para a fundação, despedindo-se nosso Santo de Santa Teresa e de seus irmãos com grande devoção, foi a Duruelo com um pedreiro a fim de compor a casa de que já se falou e que foi o primeiro convento da estreita Observância. São João manteve-se nele algum tempo só, esperando os sujeitos que a Santa devia enviar para ocupá-lo; ali, abandonando-se ao fervor, exercitou com seu corpo aquelas inocentes crueldades que fizeram dizer aos seculares que o P. João não podia viver senão por milagre. Logo que se lhe juntaram outros Padres Carmelitas, os quais se chamaram desde então Carmelitas Descalços, São João, que havia sido posto por cabeça deles, passou toda a noite seguinte em oração com eles; pela manhã do dia seguinte, que era a 28 de novembro e primeiro domingo do Advento do ano 1568, celebrou solenemente a missa, fez sua profissão pública e recebeu a deles, prometendo a Deus, à santíssima Virgem sua Mãe e Protetora perpétua e ao Geral do Carmo, seu superior ordinário, observar literalmente a antiga e estreita regra da Ordem. Então foi quando, deixando o sobrenome de São Matias, tomou o de JOÃO DA CRUZ, que, como se disse, fazia seu verdadeiro caráter. E este foi o nascimento desta célebre congregação religiosa, aprovada imediatamente pelo papa Pio V e confirmada no ano 1580 pelo papa Gregório XIII, à qual se dá o nome de Carmelitas Descalços, porque levam os pés descalços.

Vendo-se São João da Cruz superior imediato do convento, aumentou suas passadas austeridades. Suas mortificações eram tão grandes que Santa Teresa se viu precisada a ordenar-lhe que as moderasse; que não prosseguisse em andar sem sandálias; arrumou suas abstinências e seus jejuns e pôs limites às suas demais austeridades. Descrevendo a Santa este primeiro convento de sua Reforma, diz assim: «Como entrei na igreja, fiquei espantada de ver o espírito que o Senhor havia posto ali, e não era eu só, que dois mercadores que haviam vindo de Medina até ali comigo,

que eram meus amigos, não faziam outra coisa senão chorar. Tinha tantas cruzes, tantas caveiras! Nunca se me esquece uma cruz pequena de pau que tinha para a água benta, que estava nela colada uma imagem de papel com um Cristo que parecia pôr mais devoção que se fosse de coisa muito bem lavrada. O coro era o desvão, que por metade estava alto, que podiam dizer as horas, mas haviam de baixar-se muito para entrar e para ouvir missa. Tinha nos dois cantos para a igreja duas ermidinhas, onde não podiam estar senão sentados ou deitados, cheias de feno, porque o lugar era muito frio e o telhado quase lhes dava na cabeça, com duas janelinhas para o altar e duas pedras por cabeceira, ali suas cruzes e caveiras. Soube que, depois que acabavam matinas até prima, não tornavam a ir-se, mas ali se estavam em oração, que a tinham muito grande, e lhes acontecia ir com muita neve os hábitos e não o haver sentido. Iam pregar a muitos lugares que estavam por ali circunvizinhos sem nenhuma doutrina... Em tão pouco tempo era tanto o crédito que tinham que a mim me fez grandíssimo consolo quando o soube. Iam, como disse, légua e meia a pregar e duas léguas, descalços e com muita neve e frio; e depois que haviam confessado e pregado, tornavam a comer a sua casa bem tarde; com o contentamento tudo se lhes fazia pouco... Pois como eu vi aquela casinha (que pouco antes não se podia estar nela) com um espírito que a cada parte que olhava achava com que edificar-me e entendi da maneira que viviam e com a mortificação e oração e bom exemplo que davam... não me fartava de dar graças a Nosso Senhor por parecer-me que via começado um princípio para grande aproveitamento de nossa Ordem e serviço de Nosso Senhor... Os mercadores que haviam ido comigo me diziam que por todo o mundo não quisessem deixar de haver ido ali. Que coisa é a virtude! Que mais lhes agradou aquela pobreza que todas as riquezas que eles tinham, e assim fartou e consolou sua alma.» Por este testemunho de Santa Teresa se vê a virtude do santo Fr. João, fundador e pai daquela casa. Este convento de Duruelo se trasladou ao de Mancera no dia 2 de junho do ano 1570.

O admirável amor à cruz de nosso Santo não podia ocultar-se em nenhum ato seu e, meditando continuamente na cruz, foi como sua alma adiantava tanto na perfeição; porque o amor lhe fazia desejar parecer-se a seu Redentor no crucificado com toda espécie de humilhações e penalidades: e Deus, que queria purificar sua alma de toda a escória dos afetos terrenos, permitiu que passasse pelo crisol com tribulações e provas interiores de seu espírito e constância, que é a ordinária providência com que Deus conduz as almas que deseja elevar a si, com um grau de santidade eminente e ricos dons de abundantes graças.

São João, depois de haver gostado as primeiras delícias da contemplação, achou-se privado de toda sensível devoção: cuja secura espiritual foi seguida de uma perturbação interior de ânimo, de escrúpulos, de desabrimentos no exercício espiritual que, por mais que fazia, não podia vencer nem rejeitar. Admiravelmente descreve o que uma alma passa neste estado em seu livro intitulado *Noite escura*. Por esta interior desolação passam por comum as almas contemplativas antes de preparar-se para receber a comunicação das graças especiais de Deus. Por meio dela obteve o Santo uma perfeita pobreza e pureza de espírito, libertou-se de todas as requintadas paixões de amor-próprio e adquiriu uma conformidade excelente à vontade santa do Senhor, que só pode fundar-se sobre as ruínas da própria vontade, sobre uma paciência heroica e sobre uma animosa perseverança. Pouco tempo depois certo raio de luz celestial, certo consolo e suavidade desvaneceu estas trevas e trasladou a alma do servo de Deus ao paraíso de uma delícia interior e de uma doçura celestial e divina. A esta tribulação sucedeu outra interior de maior esterilidade espiritual, acompanhada de sentimentos e tentações em que parecia havê-lo Deus abandonado e

estar de todo surdo a suas lágrimas e suspiros. Era tão violenta sua tristeza neste estado de privação que chegou a temer-se morrer de melancolia, se a divina graça não o houvesse sustentado. Mas na calma gostosa que seguiu a esta terrível tempestade foi abundantemente recompensado com consolo divino dos favores celestiais. Rodeado de uma nova luz, viu as incomparáveis vantagens do padecer, especialmente com tribulações interiores; viu quão purificada ficava a alma com aquelas tentações; começou a gozar da contínua presença de Deus e a sentir em seu coração a ânsia mais suave e doce àquele Senhor, com um desejo veemente de imitar a Cristo em seus tormentos e de servir a seu próximo por seu amor: achava já em si um valor invencível, gozava de uma paz soberana e era muitas vezes elevado à divina união do amor divino, que é a mais sublime na contemplação celestial. Este amor em que ardia seu coração ia muitas vezes acompanhado de um excesso de alegria espiritual, em que sentia sua alma penetrada de regozijo e como anegada num torrente de impetuosas delícias; mas ao mesmo tempo com uma dor que ele chamava a ferida do amor. Explica ele isto mesmo dizendo que a alma parece a si mesma estar ferida com repetidas flechas do amor e um fogo que a consome e abrasa, inflamando-se até o ponto de sair fora de si e parecer-lhe ser já uma nova criatura.

Espalhava-se a fama dos Descalços por aquela terra e de todas as partes acudiam muitos a pedir o hábito. Fundaram-se logo as casas de Pastrana, de Salamanca e outras, com o que se foi estendendo a santa Reforma. E, vendo Santa Teresa os copiosos frutos que o servo de Deus fazia nas casas de seus religiosos, quis que fosse também o diretor de suas filhas; o que executou com tanto fruto que assegura Santa Teresa que em menos de um mês as mais obstinadas em não querer reformar-se foram as que mais solicitaram e procuraram a reforma.

Teria sido difícil fazer menos progressos na vida espiritual sob um tão santo e tão hábil diretor. Tinha um dom particular para discernir os espíritos e fazer evitar os laços do demônio, para descobrir as ilusões do coração e do entendimento: talvez não houve jamais pai espiritual que soubesse melhor a arte de vencer todas as tentações e de curar todas as enfermidades da alma.

Assim o demônio fez quanto pôde por vingar-se de um inimigo que lhe tirava todos os dias tantos despojos: e, não podendo ganhar nada com as mais violentas tentações, serviu-se da insolência de uma donzela e de uma viúva jovem para manchar sua pureza; mas esta astúcia só serviu para mais acrisolá-lo e fazer gloriosa em suas vitórias a graça de Nosso Senhor. A uma das maiores tribulações que padeceu o servo de Deus deram ocasião seus próprios irmãos e seus próprios filhos: isto é, os antigos religiosos que havia deixado e os que havia formado segundo o instituto da estreita observância. Os primeiros olharam sua reforma como uma rebelião contra os superiores regulares da Ordem e seu retiro como uma criminosa deserção. Acrescentaram-se muito mais os desgostos e até as perseguições quando os Descalços, congregados em Almodóvar a 8 de agosto de 1576, pediram ao Papa prelado de sua mesma profissão, descalço, que os governasse, conforme ao mandado pelo concílio de Trento. Em resultado deste e de outros sucessos condenaram São João por fugitivo e apóstata. Tomada esta resolução, enviaram ministros que, quebrando as portas, prendessem nosso Santo e o conduzissem à cadeia do convento. Soube-se depois que ao servo de Deus o haviam levado ao convento de Toledo, receosos seus perseguidores da veneração que todo o povo de Ávila professava a sua pessoa. Ali foi gravemente provada sua fidelidade à vocação do Senhor; mas tudo serviu para acrisolar e fazer gloriosa em suas vitórias a graça de Deus, pois, quando estava em maior aperto, encontrou paz abundantíssima e regalos

indizíveis de Nosso Senhor, que afogavam em seu ânimo todo desabrimento e amargura e lhe infundiam nova ânsia de padecer.

Com o auxílio divino saiu uma noite da cadeia do convento de Toledo sem ser sentido e refugiou-se no convento das Carmelitas descalças. Na junta que logo tiveram os Descalços em Almodóvar, elegeram-no prelado do Calvário. Estava este convento a duas léguas de Veas, numa ponta de Serra Morena, não longe da de Segura, casa muito solitária e devota. Viviam aqueles religiosos com grande perfeição: o servo de Deus ia adiante de todos em tudo: ali renovou suas penitências antigas, a escassa e pobre comida, as vigílias, a túnica de esparto, as cadeias, as disciplinas e outros instrumentos e exercícios de penitência com que macerava já não suas carnes, mas os ossos vestidos só da pele. Aligeirado desta sorte seu espírito, voava ao céu, andava enlevado sempre e absorto na contemplação das coisas divinas; saía-lhe ao rosto o fogo da caridade que o tinha abrasado. Nesta sabedoria desejava ele ver aproveitados e medrados seus súditos. Fazia-lhes para este propósito frequentes práticas, examinava suas consciências, tomava-lhes conta de seu aproveitamento, corrigia-os com amor de pai, dava-lhes saudáveis documentos e avisos para que com maior ânimo corressem pela senda estreita.

Nesta solidão foi consultado de muitas gentes que tratavam de melhorar de vida e de adiantar na perfeição evangélica. Aqui começou a escrever seus tratados místicos, justamente estimados de quem sabe apreciar a ordem do amor. Do Calvário partiu a fundar o colégio de Baeza, de onde saíram varões de esclarecida piedade, frutos do zelo com que o servo de Deus deixou nele estabelecida a Reforma. Depois do capítulo que se celebrou em Alcalá a princípios de março do ano 1581, foi eleito prior do convento de Granada. Mostrou-se sempre em seu governo regular e suave, sem demasiado cuidado do temporal: o espiritual levava quase toda a sua atenção. Cansava pouco o povo com demandas, fiava muito na proteção de Deus, contentava-se com que houvesse uma mediania do necessário. Celebrava sem ruído as festas solenes, aborrecia as músicas e demasias que inquietam e distraem, cuidava que a Deus se desse culto com espírito e devoção.

Quando a província da Reforma se dividiu em quatro distritos, que foi no capítulo começado em Lisboa e acabado em Pastrana pelos anos 1585, nosso Santo foi eleito visitador do distrito de Andaluzia. Mostrou neste ofício grande zelo pela observância regular acompanhado de prudência. Nestas visitas caminhava sem provisão, sem comodidade: sua ânsia era não desfalecer na ordem da vida penitente que havia vivido até então. Fez muitas fundações, com cujos trabalhos interpolava a oração e o exercício de escrever os tratados muito piedosos que logo se imprimiram. Depois teve outras prelazias e ofícios da Ordem, e a ele se deveu a fundação do colégio de Segóvia.

No último terço de sua vida foi provado com novos trabalhos. Permitiu Deus, para maior glória de seu servo, que alguns superiores da mesma Reforma o perseguissem e acriminassem de delitos que não cometeu, nem sequer lhe passaram pela cabeça: excluíram-no de toda prelazia, desterraram-no ao deserto de Peñuela, nas montanhas da Serra Morena, e até resolveram enviá-lo às Índias. O Santo encomendava a Deus sua inocência e não quis fazer nem consentiu que se fizesse diligência alguma em sua defesa; ao contrário, dizia que suas culpas mereciam muitos maiores castigos. Deus voltou por sua causa: os prelados de sua Ordem mandaram queimar a

informação que contra o Santo se havia feito e castigaram o promotor deste dano.

Provada assim sua fidelidade, enviou-lhe Deus uma enfermidade longa e penosa. Conhecendo o provincial que o ar do deserto de Peñuela lhe era contrário, ordenou que fosse transportado a outro convento; e, tendo-lhe deixado a ele a eleição, como ele desejava padecer, preferiu o de Úbeda, porque tinha por prior o P. Fr. Francisco Crisóstomo, outro dos que fizeram suas informações contra ele com mais acrimônia; aqui encontrou a cruz que buscava. Todo o seu corpo se cobriu de úlceras, tendo quatro ou cinco apostemas formadas por dentro em forma de cruz. Não se pode imaginar sem estremecer o que este homem de cruz sofreu no discurso de sua enfermidade: à multidão e rigor de seus males, que fizeram dele um varão de dores, excedia sua admirável paciência; nada foi capaz de alterar sua tranquilidade, seu gozo e sua constância. À dor do corpo se acrescentava a dureza do prior. Suas visitas eram de juiz, suas palavras de apaixonado e suas obras tão extremadas que, pondo a chave a seu rigor e o Santo a seu sofrimento, porque soube que os religiosos censuravam sua conduta, mandou que ninguém entrasse na cela do enfermo. Tão exemplar paciência e santidade não pôde estar oculta muito tempo; publicaram-na cirurgiões e religiosos, com o que se moveram muitas pessoas devotas a acudir ao servo de Deus. Avisado o Padre provincial de quanto passava, veio a toda pressa e, informado do estado da enfermidade e securas do prior, depois de haver repreendido este asperamente por sua falta de caridade, disse: «Abri, Padres, essas portas, para que não só os religiosos, mas os seculares entrem a ver este espetáculo de santidade e fiquem admirados com sua admirável paciência.» Trovão e raio foram estas palavras do zelo e caridade do venerável provincial, que juntamente atemorizaram e alumiaram o prior, o qual começou a venerar o que antes perseguia; e, prostrado a seus pés, não só lhe pediu muitas vezes perdão, mas lhe pediu suas instruções para o governo de sua comunidade e daí em diante pregou seus louvores. Mas, como o santo homem não queria descer da cruz, cumprindo-lhe Deus seus desejos, misturou este curto gozo de penas, as que não acabaram senão com sua vida. Este hábil mestre da vida espiritual as tolerou com resignação: a vista de Jesus crucificado era todo o seu consolo. Finalmente, depois de haver recebido os últimos Sacramentos com grande fervor, cheio de confiança em seu Salvador e na proteção da santíssima Virgem, pronunciando os santos nomes de Jesus e Maria, deu tranquilamente seu último alento beijando a cruz. Esta morte preciosa sucedeu em Úbeda a 14 de dezembro do ano de 1591, aos quarenta e nove de sua idade e vinte e oito de religioso: empregou os vinte e três últimos na reforma dos Descalços, da qual foi pai e mestre.

Deus não diferiu um momento o manifestar a glória imensa de seu servo. Apenas expirou, viu-se um globo luminoso ao redor de sua cabeça que deslumbrou todos os assistentes. O suave odor que se derramou ao instante, não só no quarto, mas por todo o convento, não foi a menor daquele grande número de maravilhas que manifestaram a infinita felicidade que gozava no céu e valimento que tinha com Deus na glória. Seu corpo foi enterrado com muita pompa em Úbeda e se encontrou inteiro e sem alguma corrupção ao cabo de um ano, quando se abriu seu sepulcro. Tendo sido trasladado secretamente este tesouro a Segóvia, o papa Clemente VIII, em Breve datado a 15 de dezembro de 1596, a instância da cidade de Úbeda, mandou restituí-lo a seu primeiro sepulcro. Por evitar o desabrimento que por esta causa podia originar-se entre Úbeda e Segóvia, os prelados da Ordem, com acordo de ambas as cidades, dispuseram que, além da perna que ficou em Úbeda quando se fez a trasladação, se lhes desse outra perna e um braço. O outro

braço lho cortaram em Madri quando o traziam de Úbeda, e está agora (ou estava antes dos últimos sucessos políticos) no convento das monjas de Medina del Campo. Temos deste sábio mestre da vida espiritual algumas excelentes obras místicas, compostas em espanhol e traduzidas em muitas línguas, como a *Subida do monte Carmelo*, a *Noite escura da alma*, a *Viva chama de amor* e o *Cântico do divino amor*, no qual este santo contemplativo faz seu retrato e mostra seu verdadeiro caráter. Fez o servo de Deus grandes milagres em vida e depois de morto. O papa Clemente X o beatificou a 6 de outubro do ano 1674 com muita solenidade e geral aplauso de todos os povos; Sua Santidade Bento XIII o canonizou a 27 de dezembro do ano 1726; e a 22 de março de 1732 o papa Clemente XI concedeu por toda a sua religião reza e missa, tudo próprio do Santo com rito de primeira classe e com oitava; trasladando ou antecipando o dia de sua festa e mandando que daí em diante se celebrasse no dia 24 de novembro, assim como antes se celebrava a 14 de dezembro, dia em que morreu: o que se fez para que se pudesse rezar com oitava; porque desde o dia 17 de dezembro até o dia de Natal, segundo as rubricas do Breviário romano, devem cessar todas as oitavas.

São Crisógono, Mártir

As atas deste santo Mártir nada nos dizem de seu nascimento nem de seus empregos nem do que fez em sua primeira juventude. Tudo o que por elas podemos saber é que tinha um grande zelo da glória do Senhor e que, estimulado fervorosamente por ele, inspirou a Santa Anastácia um grande fundo de virtude. Foi preso na sangrenta perseguição de Diocleciano e esteve dois anos na cadeia padecendo incômodos que não se podem explicar. São os trabalhos como um elemento dos Santos, onde se alimenta sua virtude, se perfeiciona e aumenta. Adoram um Deus crucificado e nunca estão mais contentes que no fogo e no crisol das provas. Não podem dar ao Senhor provas mais sensíveis nem mais fortes de seu amor que padecer muito por ele. Achou-se Crisógono no caso desta dolorosa prova; mas seu amor, fortalecido com a mesma tribulação, sustentava-se das cruzes e dos trabalhos, velando sempre sobre o santo Mártir a amorosa atenção da divina Providência. Estava encerrado num escuro calabouço; mas, sendo, a respeito de Deus, as trevas como a luz, desceu o Senhor com ele ao mesmo calabouço e se declarou seu protetor em meio das cadeias, dispondo que Anastácia o fosse visitar algumas vezes para consolá-lo e para socorrê-lo em suas necessidades, não só com abundância, mas com um coração tão terno e tão bizarro que o carinho excedia à liberalidade. Mas, como seu marido, chamado Públio, homem de gênio feroz e cegamente aderido ao culto dos ídolos, a houvesse encerrado em sua casa, sem deixar-lhe liberdade para sair, viu-se precisada a interromper aquela caritativa comunicação, sem outro arbítrio para consolar-se com o santo Mártir que corresponder-se por cartas. A primeira que lhe escreveu foi nestes termos:

«Ao santo confessor de Cristo, Crisógono: Anastácia. Não ignoras, bem-aventurado Confessor, que, ainda que meu pai foi gentio, minha mãe foi cristã e que, juntando à Religião uma castidade constante desde o berço, me criou na verdadeira fé. Depois de morta minha mãe, casaram-me com um homem ímpio, cuja companhia, graças a Deus, tenho podido evitar com pretexto de indisposição. Procuro seguir, quanto me é possível, as pisadas de meu Senhor Jesus Cristo. Este homem cruel, que come minha fazenda com os idólatras, trata-me como uma feiticeira e me tem

encerrada com tanta crueldade que não duvido me tire a vida. Neste estado, muito gostoso para mim, pois não tenho maior gozo que morrer por Jesus Cristo, uma só coisa me aflige, e é ver gastar com homens malvados os bens que eu havia consagrado ao serviço do Senhor. Por isso te suplico, servo de Deus, lhe peças em tuas orações que, se este homem se há de converter, lhe conserve a vida; mas, se há de perseverar em sua malícia e em sua infidelidade, o tire deste mundo; pois a ele mesmo lhe trará mais conta morrer desde agora que continuar em suas blasfêmias contra o Filho de Deus e na crueldade que exercita com os que o servem. Jesus Cristo me é testemunha de que, em vendo-me livre de sua tirania, voltarei a visitar os Mártires e a prover-lhes de tudo o que necessitarem.»

São Crisógono recebeu esta carta estando na cadeia com outros muitos santos Confessores e, depois que todos fizeram oração a Deus por aquela que a havia escrito, respondeu-lhe desta maneira:

«Crisógono a Anastácia. Não duvides que acudirá prontamente Jesus Cristo a socorrer-te para acalmar o movimento das ondas que agitam tua vida: ele caminhará a pé enxuto por cima das águas e com uma só palavra abaterá o furor desses ventos que o demônio excita contra ti. Tem paciência e em meio das tempestades espera constantemente o socorro do divino Libertador. Entra dentro de teu interior e dize a ti mesma com o Profeta: *Alma minha, por que estás triste e por que me conturbas? Espera no Senhor, porque todavia lhe hei de dar graças como a meu Salvador*, em quem tenho continuamente postos os olhos, e como a meu Deus. Sentirás duplicada sua bondade: restituir-se-te-ão os bens da terra e, além disso, possuirás os bens celestiais. Se Deus dilatar socorrer-te, será para que esta mesma dilação te faça conhecer o infinito valor dos favores que te prepara. Pois amas a virtude e te tens exercitado nela, não dês escândalo em tua aflição: não te enganam, que te provam; e não ponhas tua confiança nos homens, pois a Escritura diz: *Maldito aquele que confia no homem; e bendito aquele que põe sua esperança em Deus.* Procura fugir de toda sorte de pecados e não esperes consolo senão daquele cujos mandamentos observares. A calma sucederá à tempestade e voltará a claridade depois das trevas. Portanto, poderás então socorrer com teus bens os que são afligidos por Jesus Cristo, para merecer com uma caridade temporal uma recompensa que não há de ter fim.»

Consolou-se muito Anastácia com esta carta. Depois lhe escreveu outra o bem-aventurado Mártir, na qual, tendo-lhe mostrado os diversos caminhos que tem Deus para levar seus escolhidos a um mesmo termo por diferentes sendas, lhe prognostica que por fim havia de receber a coroa do martírio. Entretanto, ainda que Crisógono estava preso por Jesus Cristo, pregava com toda liberdade a Jesus Cristo em meio das cadeias, sendo como o mestre e o caudilho que sustentava todos os Cristãos que padeciam com ele. Informado de tudo Diocleciano, que se achava então em Aquileia, fê-lo conduzir àquela cidade, parecendo-lhe que, se lograva reduzi-lo a que sacrificasse aos deuses, facilmente derrotaria a constância dos outros fiéis. Fez, pois, quanto soube e pôde para ganhar a Crisógono. Brindou-o com riquezas, com honras, com empregos, até oferecer-lhe a prefeitura de Roma. A estas magníficas promessas sucederam terríveis ameaças de um cruel suplício e de uma infame morte. Mas, imóvel à magnificência das promessas e desprezando com generosidade todo o aparato das ameaças, igualmente triunfou sua invicta fé da mão armada que da mão lisonjeira do tirano. Movido o santo Mártir da majestade de Deus, que manda aos imperadores, mais que da majestade do império, protestou altamente que não reconhecia outra

honra que a de servir ao verdadeiro Deus; e que, se amava sua vida, era só por poder sacrificá-la a sua glória; pois, de resto, a que se chama religião do império era um ridículo conjunto de grosseiras fábulas, indigno de que se olhasse com o mais ligeiro apreço. Depois de uma declaração tão esforçada como precisa, o furor de Diocleciano não se explicou a pedaços e como por partes. Mandou que ao ponto lhe cortassem a cabeça num lugar deserto ou retirado, o que se executou no dia 24 de novembro do ano 303. O ofício de sua festa principal, que se celebra em quase todo o Ocidente no dia 24 de novembro, acha-se no Sacramentário de São Gregório com prefácio próprio. Mas o que faz mais considerável seu culto é a honra particular que a Igreja tributa a sua memória, colocando-o no cânon da missa entre os Apóstolos e Mártires da primeira ordem. Oh meu Deus! A quem tem a generosidade de desprezar pródigo a vida por vosso amor, Vós, que sois a mesma magnificência, o recompensais com prêmio centuplicado. Os heróis cristãos, que são os invictos Mártires, recebem uma vida de glória imortal na terra e outra de eterna felicidade no empíreo.

Santas Flora e Maria, Virgens e Mártires

No reinado de Abderramão II floresceu em Córdoba uma ilustre donzela chamada Flora, filha de um mouro natural de Sevilha; sua mãe era cristã nobre e piedosa, natural de Ausinianos, povo a duas léguas ao poente de Córdoba, do qual restam vestígios na herdade que hoje chamam Villa Rubia. Era Flora a menor de toda a sua família, formosa, de lindo engenho e prudência. Envenenou-a seu pai nos primeiros anos com a peçonha de sua maldita lei: a mãe reparou logo este dano instruindo-a na verdadeira Religião. Morto o pai, pôde fazer este ofício com mais descanso e maior fruto. Criava-a bem, ao revés de como agora muitas, pondo-lhe acíbar nas afeições do solo e fazendo-lhe o paladar às coisas do céu. Reinava Deus na alma da casta virgem, aborrecia os passatempos e as loucuras do século, vestia e andava e procedia em tudo com sumo recato, não tinha vergonha de acreditar com as obras a santidade da fé que havia recebido. A comida que lhe davam tomava-a com dissimulação e a repartia em segredo aos pobres, jejuando ela com sumo rigor. Persuadia-a sua mãe que não se privasse do necessário alimento, mas nunca pôde acabar com ela que comesse mais que uma vez ao dia, e essa tarde. Guiava-a em tudo a mão do Senhor pela senda da perfeição evangélica. Servia-lhe, porém, de estorvo neste caminho um irmão seu, muito filho de seu pai na seita. Queria ele que também ela o fosse, seguia-lhe os passos, andava-lhe aos alcances sempre por saber de sua vida: nem fora podia visitar as igrejas como os outros Cristãos nem em seu canto tinha oportunidade para recolher-se. Olhou a Deus e, doendo-se de ver-se em público reputada por inimiga da religião verdadeira, sem dar conta a sua mãe determinou retirar-se em casa de outros cristãos onde com mais liberdade pudesse gozar do socorro da palavra de Deus e dos Sacramentos da Igreja. Acompanhou-a nesta resolução uma irmã sua chamada Baldegoto, também cristã. O irmão tomou isto com grande despeito, logo começou a perseguir a igreja de Córdoba; fez encarcerar alguns sacerdotes, molestava também e causava extorsões aos mosteiros onde recelava que Flora se houvesse recolhido. Doíam-se as irmãs dos graves danos que por sua causa padeciam aqueles fiéis. Por fim Flora resolveu aventurar sua vida pelo sossego e liberdade de todos.

Voltou a sua casa e, apresentando-se ao irmão com ânimo celestial, disse-lhe: «Eis aqui a quem buscas, cristã sou, amo a cruz e os que seguem a religião católica. Olha se podes vencer esta confissão: quantos tormentos podes imaginar não farão mais que acrisolar minha constância.» Grandemente se irritou o irmão com estas palavras: dissimulou por então; intentava dissuadi-la de sua confissão com promessas e afagos, logo a ameaçou, por fim desenganou-se de que este era para ele negócio desesperado. Levou-a ao juiz e a acusou de haver renegado sua lei. Perguntou-lhe o juiz se era assim. Disse ela: «Nunca conheci Maomé, só Jesus Cristo conheço desde minha meninice, em sua lei fui doutrinada, só a ele adoro por Deus, dado lhe tenho meu coração como Esposo meu, consagrando-me a ele em perpétua virgindade.» Enfurecido o juiz com esta resposta, mandou a dois esbirros que a golpes lhe ferissem a cabeça: executou-se esta sentença com tal crueldade que chegou a descobrir-se o crânio desnudo entre os cabelos. São Eulógio diz que reconheceu por si mesmo estas feridas, que a santa virgem lhas mostrou. Em meio desta fereza perseverava Flora confessando a Jesus Cristo. Meio morta a entregou a seu irmão para que a fizesse curar e, havendo-a instruído em sua lei, a voltasse à sua presença se não se determinava a segui-la.

Restabelecida Flora de suas feridas, teve meio para fugir de sua casa uma noite descendo pela parede do curral. Escondeu-se na de um cristão e ao cabo de alguns dias, em companhia de sua irmã, foi a um lugar chamado Ossaria, junto a Lucci, que verossimilmente é a vila que hoje chamam Torredonjimeno no reino de Jaén, a uma légua de Martos. Ali permaneceu alguns anos até o tempo de seu martírio.

Nesta coroa foi acompanhada de outra donzela chamada Maria, irmã do santo mártir Valabonso, de quem falamos em seu próprio lugar. Era Maria religiosa do mosteiro de Nossa Senhora de Cuteclara, onde era abadessa a esclarecida Artêmia, mãe dos dois santos mártires Adulfo e João. Valabonso, depois que foi coroado com o martírio, apareceu a uma religiosa daquele mosteiro e lhe disse que admoestasse sua irmã a que não chorasse mais sua ausência, que logo se veriam juntos na glória de que ele gozava. Com esta boa nova se trocou em gozo a tristeza de Maria, e a que pouco antes chorava a morte de seu irmão agora não podia sofrer as ânsias de padecê-la.

Saiu, pois, do mosteiro com ânimo de apresentar-se ao juiz, ao tempo que Flora, movida também pelo Senhor, desejando pôr fim a sua gloriosa peleja, havia voltado de Ossaria a Córdoba. Encontraram-se na igreja de Santo Acisclo e se saudaram; perguntavam-se uma à outra a que haviam ido àquele lugar; bem depressa descobriram sua vocação; uniram-se de novo com mais estreito laço de caridade; e, impelidas do fervor do espírito, encaminharam-se à casa do juiz. Disse-lhe Flora: «Eu sou aquela a quem mandaste castigar por haver professado a fé de Cristo sendo filha de pai mouro, para ver se renegaria. Até aqui, como fraca, tenho andado escondida e fugindo; agora, esforçada com a graça de Deus, não tenho medo de apresentar-me a ti confessando como antes a divindade de Jesus Cristo.» «E eu», prosseguiu Maria, «sou irmã de um daqueles varões a quem pouco há tiraste a vida pela mesma causa; e com o mesmo zelo e firmeza que ele e seus companheiros confesso o que eles confessaram.» O juiz, bramando de cólera, mandou levá-las à cadeia, ameaçou-as com a morte e com ofensa e ultraje de sua honestidade. Quando elas entraram na cadeia, estava preso e saiu ao mesmo tempo dos calabouços o bendito Padre Santo Eulógio. Deu-lhes grande ânimo, consolou-as, instruiu-as na obrigação que tinham de levar adiante seu bom propósito, desfez as tramas que para perdê-las ia urdindo o demônio por meio da malícia

de uns e da falsa lástima de outros. Às palavras acrescentou um tratado que ali mesmo escreveu para fortalecê-las, com o título de *Aviso ou documento dos Mártires*. Ardiam as santas Virgens no fogo do bom amor. Compareceram várias vezes diante do juiz, nunca as puderam arrancar de seu propósito. Mais solicitava a perversão de Flora seu desgraçado irmão; pediu ao juiz que a voltasse a examinar à parte e procurasse acabar com importunações o que não pôde com ameaças. Teve-se esta audiência secreta dez dias antes de seu martírio. Logo que voltou à cadeia, Santo Eulógio, que como pai olhava pela verdadeira prosperidade daqueles fiéis, acudiu a saber o que lhe haviam dito e o que ela havia respondido. Respondeu Flora: «Padre, estando já diante do juiz, perguntou-me se conhecia meu irmão, que estava também ali. Respondi eu que sim e que era irmão meu carnal. Replicou o juiz: Pois como, sendo ele mouro e zeloso de nossa lei, és tu cristã? A isto disse eu que, quando menina, antes de chegar aos oito anos, estive também imbuída nesse erro; mas depois, alumiada por Nosso Senhor, escolhi abraçar a fé de Cristo, determinada a perseverar nela até a morte. Disse-me o juiz: E agora como pensas acerca disto? Disse eu: Como até aqui levo declarado; e ainda se me estreitares mais acerca de vosso profeta, direi dele outras coisas maiores. Enfurecido então o juiz, com semblante irado e palavras descompostas mandou que me voltassem à cadeia.» Isto contou Flora a Santo Eulógio. O santo Presbítero a esforçou com a esperança da coroa e, encomendando-se a suas orações, retirou-se a sua prisão saudando com reverência a santa Virgem. Entretanto o juiz havia pronunciado sentença de morte contra ela e sua ditosa companheira. Tiraram-nas logo ao campo santo, onde haviam de ser degoladas. Armaram-se as duas com o sinal da cruz, logo ofereceram o pescoço ao alfanje: Flora padeceu primeiro. Foi este glorioso triunfo às três da tarde, terça-feira, dia 24 de novembro do ano 851. Os sagrados cadáveres ficaram ali todo aquele dia; no seguinte foram arrojados no Guadalquivir. Os Cristãos acharam as duas cabeças e o só corpo de Santa Maria. As cabeças foram depositadas na igreja de Santo Acisclo, de onde as trasladaram com outras relíquias à paróquia de São Pedro. O corpo de Santa Maria foi depositado no mosteiro de Cuteclara, de onde é crível que o trasladariam a outra parte quando os monges abandonaram aquela casa.

Logo que na cadeia se soube o fim ditoso das santas Virgens, todos os Cristãos que se achavam presos, postos em oração, deram muitas graças e louvores a Nosso Senhor e cantaram vésperas e matinas celebrando a memória das santas Mártires, em cuja honra celebraram a missa no dia seguinte. Haviam elas oferecido a outras servas de Deus que ali estavam presas que, em vendo-se na presença do Senhor, lhe haviam de pedir que tirasse da cadeia a Santo Eulógio e a todos os que pela fé padeciam. Aos cinco dias viu-se o cumprimento de sua promessa, saindo livres dali todos os Cristãos.

Santo Eulógio escreveu logo este alegre sucesso a seu bom amigo Paulo Álvaro e enviou a Baldegoto, irmã de Santa Flora, o cíngulo que trazia posto na cadeia, exortando-a a que correspondesse com suas obras à fé, se queria ter parte no galardão prometido às virgens. Flora e Maria apareceram logo a Santa Sabigoto, assegurando-lhe que padeceria como elas pelo nome de Cristo, do que falamos em seu próprio lugar. O martírio destas santas Virgens foi muito celebrado na Espanha. Delas fazem memória os Martirológios de Adão, de Usuardo, de Maurolico, do bispo Equilino e o Romano.

Missa (oração)

A missa é em honra de São João da Cruz, e a oração é a seguinte.

> **Latim:** *Deus, qui sanctum Joannem, confessorem tuum, perfectæ sui abnegationis et crucis amatorem effecisti: concede, ut ejus imitationi jugiter inhærentes, gloriam assequamur æternam. Per Dominum nostrum Jesum Christum.*

Português: Ó Deus, que fizestes a São João, vosso confessor, um dos maiores amantes da cruz e da perfeita abnegação de si mesmo, concedei-nos que, imitando-o sem cessar, consigamos como ele a glória eterna. Por Nosso Senhor Jesus Cristo, etc.

Epístola

A epístola é do capítulo 31 do Eclesiástico (o impresso remete à página do dia 10).

Eclesiástico 31,8-11

> **Latim:** 8 Beatus dives qui inventus est sine macula, et qui post aurum non abiit, nec speravit in pecunia et thesauris. 9 Quis est hic ? et laudabimus eum : fecit enim mirabilia in vita sua. 10 Qui probatus est in illo, et perfectus est, erit illi gloria æterna : qui potuit transgredi, et non est transgressus ; facere mala, et non fecit. 11 Ideo stabilita sunt bona illius in Domino, et eleemosynas illius enarrabit omnis ecclesia sanctorum.

Português: 8 Bem-aventurado o rico, que foi achado sem mancha e que se não deixou ir após o ouro, nem esperou no dinheiro, nem nos tesouros. 9 Quem é êste, e nós o louvaremos? Porque fêz coisas maravilhosas em sua vida. 10 Ao que foi provado no ouro, e se achou ser perfeito, isto lhe servirá de glória eterna: O que pôde transgredir a lei de Deus, e não a transgrediu: O que pôde fazer mal e não o fêz: 11 Por isso os seus bens foram assegurados no Senhor, e toda a igreja dos Santos celebrará as suas esmolas.

Reflexões

Feliz aquele que não correu atrás do ouro. Quão poucas gentes há no mundo que estejam isentas desta fraqueza! O resplendor das riquezas dá nos olhos dos homens e os deslumbra. Em qualquer estado que se esteja, quer-se fazer fortuna. Quem há que se contente com a condição em que nasceu? Não há um cuja condição não seja inferior a seus desejos e a sua ambição. Se se subiu um degrau, não se busca senão como dar o segundo passo; se se está mais acima, a inquietude e a impaciência se reduzem a ver como se há de perder de vista a obscuridade do nascimento; jamais se olha de onde se vem, mas aonde se deseja chegar. Seja um homem bastante feliz, ou digamo-lo melhor, seja bastante hábil para adiantar-se, está jamais contente com sua fortuna? A ambição cresce com os anos. Quanto mais elevada está uma pessoa, descobre mais caminho que andar; dão-se bastantes passos em falso quando se quer ir tão depressa. Subiu-se mais acima? A quantas gentes se lhes vai a cabeça! A queda dos que estão mais adiantados e que subiram mais não faz mais prudentes os que trepam todavia por subir. Sempre cremos que seremos mais felizes que os que nos parece haver sido menos hábeis. Cada dia se fazem novos esforços para adiantar-se. Esta ideia de fortuna é uma espécie de fantasma que engana e enleva. O desejo de fazer fortuna é uma espécie de encanto. Por mais que nos espantem e nos aturdam as revoluções que vemos suceder, estas quedas não tiram nem desfazem o enlevo. Lisonjeamo-nos sempre de que nos aproveitaremos das desgraças alheias, de que seremos mais cautos, mais providentes, de que tomaremos melhores medidas. Dobramos nossos desejos, nossos desvelos, nossos artifícios, à medida que sentimos crescer nossos desejos de fortuna e de comodidades. Corremos em busca desta quimérica felicidade. A fortuna, semelhante àquelas exalações que fogem dos que vão em seu seguimento, não deixa de vê-los precipitar em alguns atoleiros. Assim zomba a Providência desses idólatras da fortuna e de todos os que correm atrás do ouro. Um homem prudente contenta-se com uma fortuna mediana. É uma grande debilidade não nos contentarmos jamais com a condição em que Deus nos pôs; se temos ânsia, seja por uma fortuna melhor que todas as cá de baixo, seja por uma fortuna que vale infinitamente mais do que custa. Tenhamos uma santa ambição de ser cada dia mais virtuosos. A salvação, a santidade, é o único objeto digno de um coração cristão. Só Deus pode contentar uma alma, da qual é o soberano bem e o último fim. Amar a Deus, servir a Deus, agradar a Deus, esta é a fortuna que temos que fazer. Não há que temer nem invejosos nem concorrentes no serviço de Deus.

Evangelho

O evangelho é do capítulo 12 de São Lucas (o impresso remete à página do dia 10).

Lucas 12,35-40

> **Latim:** 35 Sint lumbi vestri præcincti, et lucernæ ardentes in manibus vestris, 36 et vos similes hominibus exspectantibus dominum suum quando revertatur a nuptiis : ut, cum venerit et pulsaverit, confestim aperiant ei. 37 Beati servi illi quos, cum venerit dominus, invenerit vigilantes : amen dico vobis, quod præcinget se, et faciet illos discumbere, et transiens ministrabit illis. 38 Et si

> venerit in secunda vigilia, et si in tertia vigilia venerit, et ita invenerit, beati sunt servi illi. [39] Hoc autem scitote, quoniam si sciret paterfamilias, qua hora fur veniret, vigilaret utique, et non sineret perfodi domum suam. [40] Et vos estote parati : quia qua hora non putatis, Filius hominis veniet.

Português: [35] Estejão cingidos os vossos lom- bos, e nas vossas mãos tóchas ac- cesas; [36] e sede vós-outros semelhantes aos homens, que esperão a seu senhor, ao voltar das vodas: para que, quando vier, a bater á porta, logo lha abrão. [37] Bemaventurados aquellos servos, a quem o senhor achar vigiando, quando vier: na verdade vos digo, que elle se cingirá, e os fará sentar á meza, e passando por entr'elles, os servirá. [38] E se vier na segunda vigilia, e se vier na terceira vigilia, e assim os achar, bemaventurados são os taes servos. [39] Mas sabei isto, que se o pai de familia soubesse a hora em que viria o ladrão, vigiaria sem dúvida, e não deixaria minar a sua casa. [40] Vós-outros pois estai apercebi- dos: porque á hora, que não cuidais, virá o Filho do homem.

Meditação

Dos pesares que terá um condenado

Primeiro ponto

Considera quais serão os pesares de uma alma que se vê no inferno, que perdeu a Deus, que o perdeu por sua culpa, que o perdeu por nada e que o perdeu para sempre. Que pesares, que raiva, que arrependimentos inúteis, que desespero não deve causar a uma alma condenada esta triste verdade! «Eu perdi a Deus, e com isto o perdi tudo, pois perdi a fonte de todo bem! Perdi a Deus; a este Deus, para o qual unicamente fui criada; a este Deus, que é minha soberana felicidade, meu último fim; a este Deus, o mais amável de todos os pais, o mais magnífico de todos os reis, o mais doce e mais liberal de todos os senhores; perdi este Deus, isto é, que este terno Pai me aborrece com um ódio infinito e não me reconhece mais por seu filho. Este Rei benéfico já não me olha senão como a um vassalo rebelde. Este Senhor bom e caritativo não quer confessar-me mais por seu discípulo; já não me trata como pai nem como senhor, mas como soberano juiz; já não me olha senão como um objeto execrável a seus olhos e condenado por toda a eternidade aos mais espantosos tormentos.» Por mais que reunamos em nosso entendimento todos os termos, todas as expressões, tudo o que a fé e a razão nos podem sugerir, não compreenderemos jamais a infelicidade que é perder a Deus. Seria necessário poder compreender o que é Deus para compreender a perda e a infelicidade que é perdê-lo e perdê-lo para sempre. Este é um mal que é todos os males e priva de todos os bens: é um mal eterno, pois não há remédio para ele; nem nenhuma coisa deve nem pode jamais diminuí-lo nem fazê-lo cessar. O sol se obscurecerá, os astros deixarão de luzir sobre a terra, o céu passará, mil milhões, cem milhões de séculos terão passado, e o condenado será sempre o objeto da execração e do furor de Deus; e o condenado não terá visto diminuir-se nem terá esperança de ver diminuir-se jamais suas penas. Oh Deus meu, e

se tem por nada o perder-vos!

Segundo ponto

Considera que o que faz todavia mais amargo o terrível pesar que causa a perda eterna de um Deus é a vista do nada de tudo o que nos o fez perder. Ainda que, por ganhar todo o universo e cem mil mundos, se houvesse perdido a Deus para sempre, a perda não seria menos terrível nem menos irreparável. Mas quando se pensa (e se pensará necessariamente por toda a eternidade, ainda que não se queira) que se perdeu a Deus por bagatelas, por nada, por satisfazer uma brutal paixão que foi seguida de tantos despeitos; por correr atrás de um fumo, de uma sombra, de um fogo-fátuo, de uma quimera; porque não só no inferno se descobre este vazio, este fantasma, este nada das honras, dos deleites e de tudo o que no mundo se chama fortuna; o mesmo juízo se faz de tudo isto nesta vida naqueles intervalos de razão e de religião em que a paixão se cala e sobretudo à hora da morte, onde se julga tão sadiamente de todas as coisas. Compreende, se podes, a impressão que faz sobre uma alma este pensamento, este juízo, este pesar. Que indignação contra ti mesmo! Que despeito, que raiva haver sido tão insensato, tão inimigo de teu próprio interesse; haver sido tão fátuo como haver perdido a Deus para sempre por uns nadas que passaram como sonhos! *Pro nihilo*, diz o Profeta: haver perdido a Deus e com ele uma felicidade eterna, um paraíso, uma glória sem fim! Oh Deus, que pesar é este! Mas o que põe o selo e o que é o cúmulo da raiva e do desespero é ver que se perdeu tudo isto unicamente por sua culpa. Se Deus me houvesse posto na fatal, na cruel necessidade de condenar-me, se me houvesse reprovado por seu gosto, se não houvesse morrido por mim, se me houvesse negado sua graça, minha desventura seria infinita, e neste caso teria eu um pesar menos; mas que Jesus Cristo tenha dado todo o seu sangue por mim, que tenha feito tantos gastos por minha salvação como pela dos predestinados, que não me tenha negado nem as graças nem os meios para salvar-me e que eu não tenha perdido a meu Deus senão porque me deu na veneta, senão por minha culpa; concebe, se é possível, o agudo e o amargo deste cruel pesar. Fazei, Senhor, que eu sinta todo o rigor deste pesar; e agora que todavia estou em estado de fazer que me seja útil, fazei que perca tudo o que tenho, riquezas, honras, prazeres, saúde, a mesma vida, antes que vos perca para sempre.

Jaculatórias

Quem me separará jamais do amor de Jesus Cristo? (Rm 8.)

Estou seguro, Deus meu, de que nem a morte, nem a vida, nem quanto há no mundo me poderá separar do amor de Jesus Cristo. (Ibid.)

Propósitos

1. Propõe não ofender jamais a Deus nem deixar de amá-lo por coisa alguma do mundo. Pede-lhe que te confirme neste propósito e que o faça eficaz. Em todas as tentações e em todos os eventos da vida dize sem cessar: «Confio na misericórdia de meu Deus que, com a ajuda de sua graça, nenhuma coisa será jamais capaz de separar-me de seu amor»; renova muitas vezes ao dia esta resolução e dize-lhe a miúdo que estás pronto a sacrificá-lo tudo antes que incorrer em sua desgraça. Em todos os lances em que concorrerem tuas vantagens temporais e tua consciência, põe-te diante a consequência da perda de um Deus e cotejar com ela a desse interesse temporal, e não te será difícil concluir a quem se deve a preferência.

2. Lembra-te de que se perde a Deus para sempre por um só pecado mortal, quando se morre neste pecado. Traze frequentemente à tua memória e repassa esta terrível verdade e faze que ache lugar em todos os teus negócios e em toda a tua conduta; todos os teus temores devem reduzir-se à triste apreensão de morrer em pecado mortal. Não te contentes com ter horror ao pecado, tem-no a quanto pode ser ocasião de cometê-lo; e em todos os acidentes adversos da vida, na perda de um pleito, da fazenda, da saúde, do favor dos grandes, consola-te com este pensamento tão sólido e tão verdadeiro: «Contanto que eu não perca a Deus, nada importa que perca tudo o mais. Contanto que eu possua a Deus, o tenho ganhado tudo.»

Revision #1
Created 20 November 2026 20:55:05 by Admin
Updated 20 November 2026 20:55:05 by Admin